

# EUA ANALISAM NOSSA ECONOMIA

O embaixador norte-americano fala bem de nossa economia nos EUA

— O Brasil é diferente, sua estrutura econômica básica é diferente e a estrutura de sua dívida externa é diferente.

Essa comparação da situação brasileira com a da Polônia, México, Argentina e outros países que já pediram assistência ao Fundo Monetário Internacional foi feita ontem em Washington a banqueiros e empresários norte-americanos pelo embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Langhorne Anthony Motley, que procurou a todo momento convencer sua assistência, mostrando exemplos, que seria um erro tratar o Brasil da mesma forma que aqueles países.

A conferência, realizada no Departamento de Comércio, versou sobre o tema "O Brasil nos anos 80" e fez parte do seminário "Hemisfério Ocidental: desafios e oportunidades". Motley aproveitaria o material de sua palestra para fazer mais duas, uma em Milwaukee, dia 19, em almoço em um clube universitário, e outra, dia 26, perante o Conselho Empresarial da Flórida, em Miami.

## Comparando as dívidas

Em comparação com a situação do México, Argentina e outros países, "o Brasil é diferente", disse. "Sua estrutura econômica básica é diferente e a estrutura de sua dívida externa é diferente. Infelizmente, a forma de compreensão desses elementos mostra a presença de aferição de riscos não diferenciadores, deixando o Brasil na mesma situação que o México, para essas pessoas."

Motley fez a seguinte sugestão: "Façamos agora, a título de argu-

mento, algumas comparações das dívidas — digamos que ambas equivalham a 80 bilhões de dólares. Mas é aí mesmo que a semelhança pára. A dívida brasileira é de longo prazo, distribuída ao longo de oito anos, enquanto que a do México é de curto prazo e com grande parte devida para agora, o que precipitou a crise. A dívida per capita do Brasil é de 594 dólares, enquanto que a do México é de 1.113. A dívida do Brasil, como percentagem do Produto Nacional Bruto, é de 26%, enquanto que a do México é de 38%. Portanto, em estrutura de débito, nós temos dois países completamente diferentes".

— É bom dar também uma rápida olhada na economia dos dois países — propôs ele, em seguida. — O México, ungido pelo petróleo, usou os seus lucros para construir uma infra-estrutura necessária. Mas quando os preços do petróleo caíram, a música parou. O Brasil foi atingido com o primeiro e o segundo choques do petróleo na qualidade de grande consumidor de petróleo. Mas ainda conseguiu crescer a 8% ao ano. E conseguiu aumentar suas exportações 18%, ao longo daquele período. Portanto, diferentemente do México, o Brasil tem uma economia diversificada e balanceada, equilibrada, sendo muito mais capaz de se ajustar a choques externos.

Quanto aos desafios que os países industrializados poderão encontrar no trato com o Brasil na década de 80, o embaixador explicou:

## Um vasto mercado

— Se se perguntar ao governo

brasileiro o que mais gostaria de ter, tanto na área de investimentos, como na de comércio, ele muito provavelmente responderia que, na área de investimentos gostaria de ver concretizada uma joint venture com uma entidade brasileira, um mínimo de importação de bens de capital, os financiamentos conseguidos externamente e a criação de um produto que pudesse suprir seu mercado externo, ao mesmo tempo em que pudesse servir ao seu programa de substituição nas importações.

— Na área de comércio — continuou —, isto é, importações para o Brasil, eles estariam primordialmente interessados em financiamentos, especialmente no tipo em que se dá uma entrada e depois tem um retorno, além de esquemas onde fosse possível pagar os bens através de um esquema de trocas com produtos brasileiros, provavelmente commodities.

O embaixador norte-americano destacou, ainda, a grande competição existente hoje entre os investidores do seu país e os da Europa e Japão: "No último ano, eu testemunhei muitos competidores americanos perderem para esses países em razão das taxas de juros e do sistema de pagamento/retorno, seguido muito de perto pela transferência de tecnologia".

Concluindo, Motley disse que "o Brasil continua e continuará a ser um vasto mercado, mas, para se ter sucesso, o pensamento criativo na elaboração de acordos ou tratados deve ser usado, a fim de competir com os numerosos investidores europeus e japoneses".